

## PRESTÍGIO E PODER NA INDONÉSIA; CONTINUIDADE EM ÉPOCAS DE MUDANÇAS\*

Maria Johanna Schouten

### INTRODUÇÃO

Os seus 210 milhões de habitantes e a sua localização estratégica fazem da Indonésia um país de grande importância. Efectivamente, durante 24 anos, a Indonésia não tem deixado de ser notícia em Portugal - mas a atenção dada era, compreensivelmente, de forma unidimensional, marcada pelas injustiças e atrocidades cometidas pela Indonésia em relação a Timor Leste.

Felizmente, Timor Leste entrou numa nova fase, um desenvolvimento em parte provocado pelas mudanças políticas na própria Indonésia. Apesar da impossibilidade de esquecer a ocupação de Timor Leste, cujos efeitos irão notar-se ainda durante gerações, existem agora condições - e a necessidade - para a Indonésia e Portugal melhorarem as suas relações.

Os desenvolvimentos recentes na Indonésia, encaminhando-se para uma democracia, são motivo de regozijo após os muitos anos de regime autocrático. No entanto, certas situações são preocupantes, nomeadamente os distúrbios em várias regiões, resultantes de factores tais como a deteriorização da situação económica desde 1997, e a eficácia decrescente das forças armadas. Conflitos de carácter inter-étnico ou inter-religioso, e também confrontos provocados por movimentos separatistas, têm já exigido milhares de vítimas.

O facto da Indonésia, país enorme e diverso, ter mantido durante tanto tempo a unidade num sossego aparente, explica-se em grande parte pelo regime repressivo de então, que, para a indispensável justificação ideológica recorria à «tradição», reconstruída ou inventada. A unidade da Indonésia (país que

---

\* Agradeço Sara Ramalho, Amélia Augusto e Fátima Silva pelas suas sugestões e comentários a uma primeira versão.

territorialmente foi uma criação dos holandeses colonizadores)<sup>1</sup> era, assim, baseada em mitos, lendas, símbolos e frases.

Quanto à justificação de posições de poder, o então Presidente Suharto realçava valores classificados de Javaneses tal como a harmonia e a deliberação, na intenção de evitar uma contestação ao seu poder. Segundo vários autores, Suharto comportou-se como o tradicional «Rei Javanês», cujo poder, de origem divina, se manifesta pela sua inactividade.<sup>2</sup> É um tipo de comportamento também observável na chamada «Princesa Javanesa»; Megawati Sukarnoputri, a actual vice-presidente.<sup>3</sup> Essa imobilidade, essa *vis inertiae* dos líderes, não é apenas um valor Javanês; era também uma característica, por exemplo, de líderes de algumas zonas de Timor. Entre esses, contavam-se o *sonba'i*, o «rei» dos Atoni, descrito por Schulte Nordholt,<sup>4</sup> e os chefes na área vizinha de Wehale (de língua Tétum), descritos por James Fox no seu artigo «The Great Lord rests at the centre»<sup>5</sup>, um título ilustrativo pelas suas duas palavras-chave: «rest» (descanso) e «centre». O centro, na tradição Sudeste Asiática, representava e irradiava o poder.<sup>6</sup>

### UMA PESQUISA ANTROPOLÓGICA E HISTÓRICA NA MINAHASA

Os desenvolvimentos actuais são para mim um motivo para regressar no tempo, recordando o período no qual eu própria morava na Indonésia com o fim de efectuar investigações antropológicas e históricas. Embora o trabalho de campo tivesse sido concluído em 1983, parece-me que o teor e a temática da pesquisa continuam a ser pertinentes, e por isso optei por relatar algumas das minhas experiências e resultados da investigação, para este número especial dos *Anais Universitários*.

Esta investigação foi realizada numa região longe de Java, o centro político: tratava-se da Minahasa; o ponto nordeste da ilha de Sulawesi (Celébes). Com

<sup>1</sup> Sobre a influência do regime colonial nas suas últimas décadas, um texto claro e revelador é o capítulo «Census, map, museum», pp. 163-185 em Anderson 1991. Sobre a Indonésia como estado unitário, ver Booth 1996.

<sup>2</sup> A ideia Javanesa de poder foi exposta no texto já clássico de Anderson (1972); no entanto, a sua abordagem recebeu muitas críticas. Ver Reid 1998. Sobre o estilo de Suharto, ver Anwar 1999: 44. Era muito diferente daquele do seu antecessor, B.J. Habibie (natural do Sul de Sulawesi), que pela sua hiperactividade foi menosprezado ou ridicularizado por muitos Javaneses. Ver Adam Schwarz 1999:381.

<sup>3</sup> Ver McBeth 1999: 30.

<sup>4</sup> Schulte Nordholt 1971: 159-185.

<sup>5</sup> Fox 1982.

<sup>6</sup> Ver Geertz 1980; Wolters 1982; Hagesteijn 1989; Souza 1998; Antweiler 2000: 170-174

uma cultura, história e vida económica muito singular, o seu povo parece propício a aspirações de maior autonomia. E, de facto, já conheceu um tal movimento, a Permesta, nos anos de 1950.<sup>7</sup>

A Minahasa era uma das poucas regiões que já na primeira metade do século XIX se encontravam sob influência holandesa. O processo de imposição de autoridade holandesa em muitas regiões da actual Indonésia foi apenas concluído no início do século XX. Estas diferenças em duração e em intensidade do regime colonial tiveram as suas repercussões nas divisões regionais actuais.<sup>8</sup> Apesar de ser uma zona periférica com pouco mais de 1 milhão de habitantes, a Minahasa não pode ser negligenciada na Indonésia. A população, cristã desde o século XIX, tem um nível de instrução elevado, e durante várias gerações pessoas da Minahasa têm ocupado posições de destaque em toda a Indonésia, na vida económica, académica e militar. A economia da zona, desde o século XIX, tem estado virada para o mercado, e os produtos exportados variavam consoante o período. No século XIX, forçados pelas autoridades coloniais, os Minahasa cultivavam café; depois, o produto mais lucrativo era a copra, proveniente da noz de côco; finalmente, nos anos 50 começou o surto de cravinho-da-Índia, ingrediente para os cigarros *kretek*, muito populares na Indonésia.

A Minahasa teve uma relação fortuita com dois dos aspectos mais negros do regime de Suharto: os negócios dos filhos do presidente e a ocupação de Timor Leste. Um filho do Presidente Suharto, que conseguia monopolizar o comércio do cravo-de-Índia, causou grandes prejuízos para os produtores na Minahasa, devido à sua má administração.<sup>9</sup> Por outro lado, alguns dos altos militares Indónesios em Timor Leste foram Minahasas, tal como o *panglima* (comandante regional) R.S. Warouw, e o líder militar regional, general H.B.L. Mantiri, ambos personagens-chave no período do massacre do Cemitério de Santa Cruz, em 1991.

---

<sup>7</sup> Este movimento visava uma mudança no governo da Indonésia, e mais atenção (do lado de Jacarta) para interesses regionais.

<sup>8</sup> Ver Lindblad 1994: 111.

<sup>9</sup> Este BPPC (Badan Pembelian dan Penyangga Cengkeh, ou Junta do Comércio do Cravo-da-Índia), que monopolizou a compra e venda do produto, ofereceu preços mínimos elevados aos agricultores, mas não conseguiu vender o cravo-da-Índia às fábricas de cigarros. Nos anos seguintes o BPPC já não tinha recursos para comprar o cravo-da-Índia dos agricultores. Tommy Suharto actuou em cooperação com o Minahasa Robby Sumampouw; parte dos lucros investiu na exploração de campos de cana-de-açúcar na costa sul de Timor Leste. (Hill 1992: 23-24; Aditjondro 1996: 26, 87.)

Na minha pesquisa foquei os processos políticos na Minahasa rural, nomeadamente as bases para a liderança. Durante a minha estadia eram perceptíveis as tentativas, por parte do governo central, em difundir as ideias e práticas de harmonia e de condescendência para com as pessoas no poder. Isso distinguia-se do espírito de contestação e luta que caracterizava a cultura Minahasa, espírito que aliás, apesar de tudo, persistia, com os seus efeitos na administração local e supra-local.

Nas páginas que se seguem indicarei, muito resumidamente, quais as bases na Minahasa para o estatuto social, o poder e, conseqüentemente, para a liderança - antes da influência colonial pervasiva, e hoje em dia.

### ESTATUTO SOCIAL NA MINAHASA PRÉ-COLONIAL<sup>10</sup>

Antes dos contactos intensivos com os Ocidentais, os habitantes da Minahasa viviam como agricultores itinerantes, organizados em comunidades chamadas *walak*, permanentemente em pé de guerra entre si. Era uma sociedade geralmente chamada de igualitária, tendo em conta que nem o poder nem as posições eram hereditários. No entanto, era também uma sociedade com muita desigualdade: as posições de poder e de prestígio eram derivadas das proezas realizadas, o que dava origem a uma forte competição. As hierarquias existentes eram fluídas e efémeras: um alto grau de mobilidade caracterizava a sociedade.

As recordações mais apelativas das antigas desigualdades encontram-se ainda dispersas pela Minahasa: são as *waruga*, sepulturas de arenito em forma de uma casa com telhado em feitiço de sela e muitas vezes com trabalho em relevo. As imponentes e quase imperecíveis *waruga* eram locais de enterro para pessoas que se tinham tornado ilustres. Na sepultura eram colocados os pertences do falecido, bem como as cabeças dos adversários assassinados por ele - símbolos das suas qualidades de guerreiro. Do lado de fora punham-se pratos, muitas vezes partidos. Por vezes, as *waruga* eram decoradas com figuras de cabeças humanas, ou de episódios da guerra.

Estes mausoleus eram os últimos locais de descanso para líderes políticos ou religiosos ilustres, e especialmente para os *wa'ilan*, aqueles cujos feitos extraordinários lhes tinham assegurado a perfeição ritual. Eles conseguiram

<sup>10</sup> Esta secção foi originalmente publicada em inglês, integrando o artigo «*wa'ilan and bos*» (Schouten 1995).

este estado elevado pelo facto de terem patrocinado uma longa série de festas especiais. Estas ocasiões, para as quais eram convidados muitas pessoas, eram acompanhadas por rituais. Objectos caros, incluindo cerâmicas, eram às vezes destruídos, como num *potlatch*.<sup>11</sup> Cada fase na série de festivais tinha uma complexidade crescente, e resultava num estatuto cada vez mais alto para o patrocinador, até que este (geralmente depois de nove festas) finalmente atingia o glorioso estatuto de *wa'ilan*.

Estas festas eram portanto um instrumento para atingir um maior estatuto ritual, mas também prestígio e influência política, frequentemente através do estabelecimento de laços verticais. Este tipo de relacionamento era um princípio estrutural fundamental na Minahasa, de tal forma que nos contos populares até os animais tinham criados.<sup>12</sup> Numa sociedade em que o sistema de parentesco, por ser cognático<sup>13</sup>, não forneceu bases sólidas de organização social, foram as relações verticais, baseadas em obrigações mútuas, que davam tal orientação, como, aliás, também acontecia noutras sociedades do Sudeste Asiático.<sup>14</sup>

O processo de mobilidade individual na Minahasa ocorria tipicamente do seguinte modo: Um jovem começava por estabelecer uma relação com um homem já de renome, esperando uma parte da sua sorte e glória, em troca das tarefas que lhe eram atribuídas. De facto, parece que os criados de homens extraordinários podiam alcançar posições de eminência.<sup>15</sup> Normalmente, esse tipo de relacionamento era iniciado nas festas; o anfitrião conseguia atrair seguidores, e por vezes, os próprios os seguidores de concorrentes. As festas eram portanto também investimentos políticos, um fenómeno que não é exclusivo da Minahasa. Este é, de facto, um dos temas clássicos e controversos da literatura antropológica. Basta lembrar os *potlatch* dos índios Kwakiutl, e das manobras dos «big men» na Melanésia.<sup>16</sup> O tipo de festas dos Minahasa, vulgarmente chamado de «festas de mérito», ocorrem em várias sociedades «tradicionais» da Ásia do Sudeste.

---

<sup>11</sup> *Potlatch* tornou-se um conceito clássico na antropologia. Indica as grandes festas competitivas dos Índios Kwakiutl (Costa Ocidental do Canadá), descritas por Franz Boas, finais do século XIX. Nessas festas, o anfitrião mostrou a sua riqueza não só com um grande banquete, mas também pela destruição dos seus bens.

<sup>12</sup> Schwarz 1907a: 25.

<sup>13</sup> Cognático: as linhas de ascendência pelas mulheres e pelos homens têm em teoria igual importância.

<sup>14</sup> Reid 1983: 7; Chabot 1950: 102.

<sup>15</sup> De acordo com alguns contos populares (Schwarz 1907a: 168, 281, 367).

<sup>16</sup> Oliver 1955: 360-448; Sahlins 1963.

Depois de uma festa, a família organizadora ficava muitas das vezes sem recursos, mas isso tinha pouca relevância: o que contava era a imagem de riqueza que tinha transmitido na altura da festa. Na Minahasa, uma condição necessária para se ter prestígio era a acumulação de bens, mas só pelo seu uso: tinham que ser ostentados, distribuídos ou até destruídos. Esta ostentação não acontecia só nas festas, mas também no dia-a-dia. Uma família abençoada com uma colheita de arroz abundante pretendia continuamente lembrar aos outros a sua riqueza, aproveitando-se, para o efeito, do hábito de exibir o arroz na varanda da casa. Esses recipientes de arroz também serviam de local de dormida para os convidados, que desta forma sentiam fisicamente a prosperidade do seu hospedeiro. Isto podia-se tornar desagradável se os insectos os tinham escolhido como residência, acelerando assim o apoderecimento.<sup>17</sup> Uma forma original de «consumo conspícuo»!<sup>18</sup>

Prestígio era também o objectivo principal nos negócios respeitantes ao *harta* ou riqueza da noiva. Os pais da noiva tentavam estipular um *harta* o mais alto possível, mas depois de o terem feito, não se preocupavam muito em receber o que lhes era prometido.<sup>19</sup> Mais importante do que obter o prémio era ganhar o jogo. Tudo aponta que os processos económicos na Minahasa serviam um objectivo extra-económico. Se alguém fosse chamado «rico», tratava-se de uma alusão a um alto estatuto social e ritual, e «pobre», geralmente, significava «incapaz de organizar uma grande festa».

A riqueza realçava o estatuto social, mas outras qualidades também tinham esse efeito. A coragem era uma das mais importantes, como se nota em vários mitos e rituais - coragem que podia tomar a forma de um desafio aos superiores. Para organizar uma «festa de mérito», eram indispensáveis não só meios materiais mas também um feito heróico, muitas vezes uma expedição de caça-cabeças bem sucedida. Para os habitantes da Minahasa, que viviam dispersos pelos vales das montanhas, o estado de guerra era uma realidade ou ameaça constante. Além dos motivos explícitos tais como a vingança ou a competição, os conflitos armados tinham razões rituais e visavam um aumento de prestígio pessoal.

<sup>17</sup> Padtbrugge 1866 [1679]: 39. Este funcionário holandês talvez falou da sua própria experiência.

<sup>18</sup> Compare as afirmações de alguns antropólogos conceituados sobre outras sociedades: «[T]he main symptom of being powerful is to be wealthy, and of wealth is to be generous» (Malinowski 1987: 97 sobre os Trobriand, na actual Papua Nova Guiné); e «[T]he possessor of wealth objects gains merit and prestige mainly through the publicity he achieves in getting rid of them.» (Leach 1990: 142-143, sobre os Kachin na Birmânia).

<sup>19</sup> Wenzel 1872: 505.

No entanto, a «coragem» dos Minahasa tinha um significado diferente daquele do mundo ocidental. Eram usados truques para apanhar as vítimas, muitas das vezes pessoas solitárias e indefesas, em áreas remotas, que eram perseguidas e apanhadas numa emboscada.<sup>20</sup>

A competição dominava a vida dos habitantes da Minahasa, sempre desejosos de estabelecer e melhorar a sua reputação, ofuscando a dos outros. As pessoas empenhavam-se em patrocinar a maior festa em exhibir os bens mais preciosos e em maior número, em exhibir provas da sua coragem e prevalecer nos debates. Assim demonstrariam que ultrapassavam os outros nas características pessoais altamente valorizadas: riqueza, coragem e eloquência. Esses êxitos pessoais eram prova de uma grande força, ou, como é chamado numa língua regional, *keter*, um conceito com uma carga religiosa que se refere à força física e mental. Trata-se de uma característica moralmente neutra, presente apenas entre um número restrito de pessoas, sendo considerada uma manifestação do sobrenatural e com capacidade irradiante. A ideia de que algumas pessoas não só possuem mas também encarnam uma energia especial é largamente encontrada no Sudeste da Ásia. No caso dos Minahasa, reconhecia-se essa força por factores tais como a riqueza ou as cabeças cortadas - então, a ocasião por excelência para evidenciar e realçar o *keter* era uma grande festa.

Os homens mais eminentes eram aceites ou indicados como líderes de uma comunidade inteira. Acreditava-se que, uma vez na função de líder local, a força deles seria usada para benefício de todos. Em várias expressões metafóricas há uma alusão à força dos líderes locais e à prosperidade que iam trazer aos outros.<sup>21</sup>

Nas linhas em cima, focaram-se os valores e os mecanismos fundamentais para processos de mobilidade social, até chegar à liderança, na Minahasa pré-colonial. Devido à complexidade do tema e à falta de espaço, esta abordagem concisa deixou de fora alguns aspectos.<sup>22</sup> É agora altura de regressar aos tempos actuais.

### O «BOS» NA MINAHASA CONTEMPORÂNEA

Evocarei um acontecimento do quotidiano que presenciei durante o meu trabalho de campo. O local é Polandos, aldeia do grupo etnolinguístico Tontemboan, situada no centro montanhoso da Minahasa; o sítio é, mais

<sup>20</sup> Padtbrugge 1866: 319; Padtbrugge 1682, em Godée Molsbergen 1928: 63.

<sup>21</sup> Passim nos estudos sobre a língua e literatura oral Tontemboan, por J.A.T. Schwarz. Veja Schwarz 1907a: 272; 1907b: 52; 1908: 341, 471-472, 590.

<sup>22</sup> Uma discussão mais extensa encontra-se nas páginas 11-38 de Schouten 1998.

especificamente, debaixo duma casa típica da zona, construída em madeira e assente em palafitas. O momento é uma segunda-feira à tarde, princípios de 1983.

Os quatro homens que estão aí sentados, de repente, param com a conversa. Quase em simultâneo exclamam: «*Ambitu si bos*». Por mais Tontemboan que a expressão possa parecer, a última palavra deriva nitidamente do Inglês *boss*, embora o significado se tenha alterado um pouco. A frase pode traduzir-se como: «Alí vem o homem rico.»

Há qualquer coisa de especial neste homem, a julgar pela atitude dos outros. Eles disputam entre si para lhe oferecer as respectivas cadeiras; o *bos* aceita a do homem mais velho, que permanece de pé com os braços cruzados. A conversa continua num ambiente relaxado. Trata-se, como é tantas vezes o caso, do dinheiro que se pode ganhar com o cultivo e o comércio do cravo-da-Índia. De vez em quando a conversa é intercalada com alusões trocistas à riqueza de Frits, o *bos*. Como resposta às perguntas dos outros, ele revela alguns dos seus planos para o uso da sua riqueza, incluindo a construção de um mausoleu para si próprio e para a sua esposa. Meio a brincar, meio a falar a sério ele diz que quer que este seja o maior do cemitério local, e ainda mais exuberante que aquele recentemente construído para o homem mais rico da aldeia.

Entretanto, eu fico um pouco à parte, embalando o filho de um dos homens. Os meus pensamentos recuam a algumas semanas atrás, àquela tarde em que eu tinha sido convidada para um almoço na casa do Frits, por ocasião da festa de baptizado de um dos seus netos, do qual eu era madrinha. Nos baptizados na Minahasa o número de padrinhos pode variar de dois até várias dezenas. A quantidade, mas também a posição dos padrinhos influencia o prestígio da família da criança, e contribui para o estabelecimento ou reforço dos seus laços diádicos. Frits tinha conseguido convencer-me a ser madrinha, mas também convenceu para serem padrinhos e madrinhas membros do mais alto estrato social da Minahasa, que viviam nas cidades, tais como um quadro superior do Banco do Estado, e um oficial do exército de alta patente.

A refeição da festa era sumptuosa, com muita variedade de carne, peixe e marisco, cerveja e «soft drinks» (quatro garrafas das quais equivaliam ao salário diário de uma operária). Last but not least, havia uma abundância de frutas, com destaque para os *durians*, com o seu sabor divino. Naquela ocasião fiquei impressionada - e não pela primeira vez - pela diferença de actuação entre a elite local e a supralocal. A família anfitriã, que desfrutava de muito

respeito localmente, e cuja dona de casa costumava ter uma língua afiada, mal pronunciara uma palavra. Limitaram-se a ouvir educadamente as conversas dos altos convidados sobre assuntos tais como a administração regional e a política internacional e só falavam quando a conversa mudava para cravo-da-Índia.

### PRESTÍGIO: CONTINUIDADE E MUDANÇA

Frits, o *bos*, é um representante típico de pessoas de um alto estatuto social (ou daqueles que o procuram) na Minahasa rural, em finais do século XX. Os seus objectivos tais como uma sepultura extraordinária e a organização de uma festa sumptuosa (na qual ele queria ser superior aos outros), no entanto, não são estatégias novas na Minahasa. Como vimos em cima, também nos tempos pré-coloniais encontram-se os elementos de «festa» e «mausoleu» como estreitamente ligados ao poder e estatuto.

Mas, obviamente, o presente não é uma réplica do passado. Durante os dois últimos séculos, houve um aumento de escala nas esferas políticas e religiosas (respectivamente, o enquadramento dos habitantes da Minahasa num estado moderno-burocrático, e a sua adesão a uma religião mundial, o Cristianismo). Através da exportação de produtos agrícolas, os habitantes da zona ficaram também ligados ao comércio mundial, e isto era potencialmente uma nova base para a prosperidade económica. Na discussão anterior sobre os tempos pré-coloniais, argumentava-se que o estatuto económico estava então subordinado a outras dimensões do estatuto social. No entanto, em 1983, durante o surto de produção de cravo-da-Índia, à primeira vista parece que a riqueza material é a mais importante e as aspirações para a atingir moldam o modo de vida dos habitantes de Minahasa, as suas conversas e as suas relações.

Por outro lado, as ideias básicas que subjazem aos *warugas* (e ao *wa'ilan*) não desapareceram. As sepulturas ainda servem para atestar o estatuto do falecido; hoje as mais sumptuosas são feitas de cimento, e muito dinheiro pode estar envolvido na sua construção. A forma e a ornamentação das campas actuais, frequentemente, são alusões à vida económica, especialmente à maneira como o falecido ganhou a sua riqueza. Outro gasto que ainda realça o estatuto são as festas. No século XIX, os Minahasa, na sua maioria, converteram-se ao protestantismo na sua vertente calvinista. O valor atribuído à frugalidade nessa religião é bem conhecido pelas obras de Max Weber. Não obstante, o protestantismo não foi capaz de erradicar aquilo que foi denunciado, nos anos

20, por um pastor protestante holandês como sendo «o desejo natural dos Minahasa de fazer festas».<sup>23</sup> Nessa altura, um bom número de habitantes da Minahasa prosperava graças aos elevados preços da copra, e parte dos seus rendimentos era gasta em festas, as que no seu aspecto competitivo tinham semelhanças com as antigas «festas de mérito»: «As pessoas consideram uma honra ser capaz de eclipsar as festas dos vizinhos e amigos.»<sup>24</sup>

Meio século mais tarde, a situação não era muito diferente. As grandes despesas para efeitos de prestígio sugeriam que as relações sociais orientavam a vida económica. Mas também houve comportamento económico «racional», no sentido de maximização dos lucros. Um exemplo é o dos mercadores viajantes indígenas, que surgiam logo quando o processo de monetarização se iniciava nos finais do século XIX. Nos anos 80 do século XX, itens modernos como os vídeos e os frigoríficos serviam não só a conveniência pessoal e o estatuto social, mas eram também investimentos económicos. Nestes casos, serviam, respectivamente, para organizar projecções caseiras para as quais era cobrado um preço de entrada, e para preparar e armazenar gelados e outras iguarias para venda.

É interessante verificar como a linguagem usada para «prestígio» tem adquirido conotações mais económicas. O conceito *wa'ilan*, antigamente usado para pessoas eminentes, ainda é conhecido, mas o seu significado alterou-se durante o século passado. Um estudioso da língua Tontemboan apresentou, em 1876, traduções de *wa'ilan* nas quais o aspecto ritual e o de «divino» é enfatizado.<sup>25</sup> No dicionário do mesmo autor, concluído já em plena época de monetarização, prevalecem os significados económicos.<sup>26</sup> Nos finais do século XX, nas poucas vezes que o termo *wa'ilan* é usado, este denota exclusivamente «pessoas ricas».

Entretanto, surgiu um novo denominador para certas pessoas de elevado estatuto social: o *bos*, o que quer dizer «homem ou mulher rica». Embora o significado original em inglês aponte para a pessoa superior numa relação, em Minahasa pode designar qualquer pessoa abastada. Por outro lado, na Minahasa, um indivíduo rico tem, por norma, seguidores, e assim sendo é, de facto, um «boss» no sentido da língua inglesa. Este controlo sobre as pessoas ainda é considerado uma característica principal destes homens e mulheres.

<sup>23</sup> Kraemer 1958 [1926]: 27.

<sup>24</sup> Weg 1938: 6.

<sup>25</sup> Schwarz 1876: 9-12.

<sup>26</sup> Schwarz 1908: 568-569.

## PARA CONCLUIR

Tanto no período pré-colonial, como nos anos 80 dos século XX, encontram-se na Minahasa os elementos de «festa» e «mausoleu» como estreitamente ligados ao estatuto social. Também laços verticais eram e continuam a ser princípios-chave da organização social. Mas esta continuidade nas bases de prestígio e poder, apesar das mudanças radicais na sociedade, não se verifica só na Minahasa. Também aconteceu em outras zonas da Indonésia, tal como em Java, a ilha dominante cuja cultura e ideias sobre o poder marcaram os líderes políticos nacionais desde a independência do país. É certo que há diferenças entre a Minahasa e Java, no que toca o exercício de poder. Por exemplo o nível de actividade considerado ideal para um líder é diferente entre os Minahasas extravertidos, e os Javaneses, considerados introvertidos. No entanto, há muitas convergências, tal como a ideia da grande força interna e irradiante dum líder - uma ideia presente na Minahasa, noutras zonas da Indonésia oriental, em Timor Leste ou em Java. Até os líderes modernos da nova Indonésia, aparentemente impregnados por normas ocidentais, por vezes são um enigma para pessoas de outras culturas. Para uma compreensão da vida política contemporânea, é fundamental um conhecimento das ideias «tradicionais» sobre poder - porque essa tradição está presente.

## Referências Bibliográficas

Aditjondro, G.J.

1998 *Is oil thicker than blood? A study of oil companies' interests and Western Complicity in Indonesia's annexation of East Timor*. New York: Nova Science Publishers.

Anderson, Benedict R. O'G.

1972 'The idea of power in Javanese culture', in: Claire Holt (org.), *Culture and politics in Indonesia*, pp. 1-71. Ithaca, New York: Cornell University Press.

1991 *Imagined communities; Reflections on the origin and spread of nationalism*. London / New York: Verso. [1983].

1999 'Indonesian nationalism today and in the future', *Indonesia* 67: 1-11.

Antweiler, Christoph

2000 *Urbane Rationalität: Eine stadtetnologische Studie zu Ujung Pandang (Makassar), Indonesien*. Berlin: Dietrich Reimer Verlag.

- Anwar, Dewi Fortuna  
 1999 'The Habibie presidency', in: Geoff Forrester (org.), *Post-Soeharto Indonesia: Renewal or Chaos?*, pp. 33-47. Leiden/ Singapore: KITLV Press Institute of Southeast Asian Studies.
- Booth, Anne  
 1996 'Regional disparities and intergovernmental fiscal relations in Indonesia', in: Ian G. Cook, Marcus A. Doel, Rex Li (org.), *Fragmented Asia: Regional integration and national disintegration in Pacific Asia*, pp. 102-136. Aldershot: Ashgate.
- Chabot, H. Th.  
 1950 *Verwantschap, stand en sexe in Zuid-Celebes*. Groningen / Djakarta: Wolters. (traduzido em inglês com o título *Kinship, status and gender in South Celebes*, Leiden: KITLV Press, 1995.)
- Fox, James J.  
 1982 'The Great Lord rests at the centre; The paradox of powerlessness in European-Timorese relations', *Canberra Anthropology* 5, 2: 22-33.
- Geertz, Clifford  
 1980 *Negara; The theatre state in nineteenth century Bali*. Princeton: Princeton University Press. (A tradução em português foi publicado por Difel.)
- Godée Molsbergen, E.C.  
 1928 *Geschiedenis van de Minabassa tot 1829*. Weltevreden: Landsdrukkerij.
- Hagesteijn, Renée  
 1989 *Circles of kings; Political dynamics in early continental Southeast Asia*. Dordrecht: Foris.
- Hill, Hal  
 1992 'The Indonesian economy: survey of recent developments', *Bulletin of Indonesian Economic Studies* 28, 2: 3-41.
- Kraemer, Hendrik  
 1958 *From missionhood to independent church*. The Hague: Boekencentrum.
- Leach, Edmund R.  
 1990 *Political systems of Highland Burma*. London: the Athlone Press. [1954.]
- Lindblad, J. Thomas  
 1994 'The contribution of foreign trade to colonial state formation in Indonesia, 1900-1930', in Robert Cribb (org.), *The late colonial state in*

*Indonesia; Political and economic foundations of the Netherlands Indies 1880-1942*, pp. 93-115. Leiden: KITLV Press.

Malinowski, Bronislaw

1987 *Argonauts of the Western Pacific*. London: Routledge Kegan Paul. [1922.]

Mcbeth, John

1999 'Political update', in: Geoff Forrester (org.), *Post-Soeharto Indonesia; Renewal or chaos?*, pp. 21-32. Leiden/ Singapore: KITLV Press/ Institute of Southeast Asian Studies.

Oliver, Douglas

1955 *A Solomon Island society; Kinship and leadership among the Siuai of Bougainville*. Cambridge: Harvard University Press.

Padtbrugge, R.

1866 'Beschrijving der zeden en gewoonten van de bewoners der Minahassa', *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde* 13: 304-331.

Reid, Anthony

1983 'Introduction', in: A. Reid (org.), *Slavery, bondage and dependency in Southeast Asia*, pp. 1-43. New York: St. Martin's Press.

1998 'Political «tradition» in Indonesia: The one and the many', *Asian Studies Review* 22, 1: 23-28.

Sahlins, Marshall D.

1963 'Poor man, rich man, big man, chief; political types in Melanesia and Polynesia', *Comparative Studies in Society and History* 5: 285-303.

Schouten, M.J.C.

1995 'Wa'ılan and bos: status seeking in Minahasa', in: Reimar Schefold (org.), *Minabasa past and present; tradition and transition in an outer island region of Indonesia*, pp. 7-21. Leiden: Research School CNWS.

1998 *Leadership and social mobility in a Southeast Asian society: Minabasa, 1678-1983*. Leiden: KITLV Press.

Schulte Nordholt, H.G.

1971 *The political system of the Atoni of Timor*. The Hague: Nijhoff.

Schwarz, Adam, 1999, *A nation in waiting; Indonesia's search for stability*, St. Leonards: Allen & Unwin.

Schwarz, J.A.T.

1876 «Rapport, 23-3-1876», in *Stukken betreffende de Minabassa-kaart 1876-1877*. (KITLV, Leiden: Collecção de Manuscritos Ocidentais, nº 415c.)

1907a *Tontemboansche teksten; Vertaling*. Edited by N. Adriani. Leiden: Brill.

1907b *Tontemboansche teksten; Aanteekeningen*. Edited by N. Adriani. Leiden: Brill.

1908 *Tontemboansch-Nederlandsch woordenboek met Nederlandsch-Tontemboansch register*. Edited by N. Adriani. Leiden: Brill.

Souza, Teotónio R. de

1998 'A Índia, o Estado da Índia e a Ásia do Sudeste; Interações religiosas e culturais', in: Maria Johanna Schouten (org), *A Ásia do Sudeste; História, Cultura e Desenvolvimento*, pp. 56-67. Lisboa: Vega.

Weg, U.J.

1938 *Memorie van Overgave van de Afdeling Manado*. (Arquivo Geral do Estado, Haia, colecção Memories van Overgave.)

Wenzel, J.

1872 'De Minahasa in 1825. Bijdrage tot de kennis van Noord-Selebes', *Tijdschrift van het Bataviaasch Genootschap voor Kunsten en Wetenschappen* 18: 458-552.

Wolters, O.W.

1982 *History, culture, and region in Southeast Asian perspectives*. Singapore: Institute of Southeast Asian Studies.